

EditorialFernanda Arno¹Mateus Gustavo Coelho²

A Revista Santa Catarina em História tem como objetivo criar um espaço de aprendizagem e difusão de conhecimento científico entre novos/as pesquisadores/as sobre a história catarinense. Assim, nesta edição apresentaremos um artigo e sete estudos produzidos por acadêmicos/as do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Visando compreender um pouco mais sobre a história de nosso Estado a partir de diferentes olhares e perspectivas.

A seção Artigos se inicia com o trabalho Gustavo Bastezini, intitulado “Análise da economia e balança comercial da Província de Santa Catarina (1845-1855)”. O autor analisa relatórios e falas dos presidentes de província de Desterro, entre 1845-1855, relacionando a conjuntura política e econômica da época inserida no contexto da revolução industrial e da Teoria da Vantagens Comparativas. Destaca-se a importância da agricultura e da pesca para a economia catarinense neste período.

Na seção Estudos, o trabalho “Lugar de mulher: histórias orais da formação política de mulheres do Movimento Estudantil da UFSC”, de Isabela Tosta Ferreira, problematiza a atuação política de mulheres no movimento estudantil universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, na segunda metade da década de 2010. A partir de relatos orais, a autora investiga a trajetória de duas mulheres neste movimento e as relações de gênero envolvidas e percebidas em suas experiências.

Já o trabalho de Cauana Harz Lima, “Italianos e caboclos: As relações étnicas e culturais após a colonização do Oeste de Santa Catarina”, analisa o processo de colonização, disputas territoriais, industrialização e as relações étnicas estabelecidas entre italianos, indígenas e caboclos no final do século XIX e ao longo do século XX no oeste de Santa Catarina. Para além das divisões acarretadas por estas disputas, a autora chama a atenção para aspectos culturais que foram se mesclando, a partir de um sincretismo, criando novas relações sociais.

Já o estudo o estudo de Adriel Dalmolin Zortéa intitulado “Dar a ver o tempo nos túmulos do Itacorubi – Florianópolis” parte do pensamento Georges Didi-Huberman para

1 Fernanda Arno é Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do GT de Gênero de Santa Catarina (biênio 2018-2020) e, atualmente, atua como professora de História na rede municipal da cidade de Chapecó-SC.

2 Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



analisar a coexistência de diferentes tempos que podem ser percebidas na arquitetura encontrada no cemitério do Itacorubi em Florianópolis. Com as transformações urbanas ocorridas na cidade o cemitério público acaba sendo transferido da região da central para o local onde se encontra atualmente. Apesar desta transferência alterar a relação temporal entre os túmulos encontrados, ainda assim, percebe-se que os espaços do cemitério do Itacorubi são polifônicos, composto por multiplicidade de ritmos históricos. De uma forma quase poética Adriel nos coloca diante do tempo presente e passado em um mesmo instante, nos remetendo diferentes perspectivas de se pensar a história e nossa posição enquanto observadores e criadores do mundo.

Em “A salubridade da ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da avenida do saneamento”, Ana Luiza Goularti Brunel analisa como as transformações realizadas pelo Barão Georges-Eugène Haussmann em Paris influenciaram as cidades brasileiras, principalmente a capital, a cidade do Rio de Janeiro e conseqüentemente chegaram às províncias influenciando inclusive o Desterro. Estas transformações alteraram profundamente a paisagem urbana e até hoje estão presentes na arquitetura de Florianópolis. Entre as principais obras desse período, está a construção da Avenida Hercílio Luz, também conhecida como Avenida do Saneamento, retrato das políticas sanitárias e higienistas da época.

Pedro Gabriel Viana de Souza em seu estudo intitulado “Gritos do subsolo: a trajetória dos sindicatos dos mineiros do carvão de Criciúma (SC) e do ouro em Nova Lima (MG)” nos traz uma relação entre o papel da atuação sindical no contexto da mineração em duas cidades e seus diferentes contextos. Dentro do recorte temporal que vai de 1930 a 1940, Pedro vai analisando o que une e distingue a atuação sindical no contexto de Criciúma e Nova Lima neste período que foi de fomento e do início das atividades sindicais nestas regiões.

O estudo de Ana Clara Cardoso de Freitas, intitulado “A recepção da abolição da escravatura pelos jornais de Desterro”, analisa o papel do jornalismo, pensado enquanto um “quarto poder”, na vida política e opiniões públicas sobre a abolição da escravatura. O trabalho foca em Desterro, no século XIX, problematizando também a ideia de que em Santa Catarina não havia escravizados ou que eram muito poucos, pensamento que permeia o imaginário do Estado até os dias atuais.

Por fim, o estudo de Jéssica Thaíse Gielow, intitulado “Relatos de viajantes sobre a Ilha de Santa Catarina: um olhar econômico extrativista”, analisa, a partir de relatos de viajantes entre os séculos XVIII e início do XIX, como estes estrangeiros percebiam a situação econômica do litoral de Santa Catarina. O estudo mostra como os europeus construía a ideia do “outro” e percebiam a cultura dos povos que viviam no que hoje é o território do litoral



catarinense, ampliando esta visão também para a compreensão de seus interesses econômicos, principalmente para a exploração comercial.

Em um período tão turbulento como o que estamos vivendo, refletir sobre o passado nunca se fez tão importante. As diferentes abordagens trazidas pelos autores e autoras nesta edição, nos mostram a riqueza da história do Estado de Santa Catarina e o quanto podemos aprender com essa história para que não cometamos os mesmos erros do passado.

A história aqui se abre enquanto uma janela para o futuro, apontando caminhos para a construção de um mundo melhor, mais justo, igualitário, onde sociedade e natureza possam conviver de forma harmoniosa. Na seção “Estudos” percebemos a força e competência da nova geração de pesquisadores e pesquisadoras que nos apontam para um futuro mais diverso e plural. Um folego novo para uma academia tão antiquada. Neste período de profundas transformações é nesta nova geração que confiamos o amanhã de nosso país. Geração que produz, trabalha, mas que não se cala, que toma as ruas, que protesta que afronta um governo que lhe quer usurpar seu futuro.

Nós, as editoras, nos sentimos extremamente gratas e felizes por vermos uma geração tão brilhante surgindo, por este motivo convidamos a todas e todos para conhecer este rico universo da pesquisa desenvolvida na Universidade Pública, esta, que apesar de todos os ataques sofridos e que ainda vem sofrendo, é nossa, é de toda a sociedade. A luta segue, mas sempre esperançosa. Uma boa leitura!

As Editoras.

